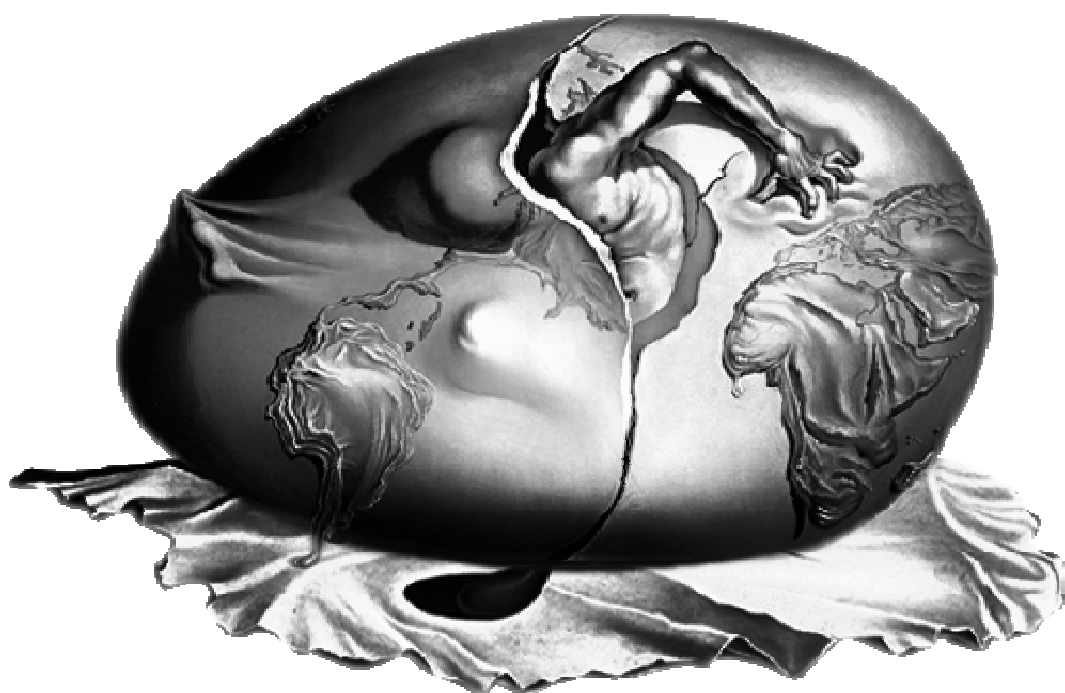


BOLETIM *PRESENÇA*

ANO II, nº 03, 1994



BOLETIM

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RONDÔNIA

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

LABORATÓRIO DE GEOGRAFIA
HUMANA

CENTRO DO IMAGINÁRIO SOCIAL

ANO I NÚMERO 03
PORTO VELHO-RO
ABR/MAI/1994

NESTE NÚMERO

** Editorial.....02*

**Espaço Aberto*

Gestão Ambiental e América Latina:
algumas reflexões.....03

#Ciência e Filosofia.....06

#Colonização, Senso Comum e o
Clima de Rondônia.....09

A Lógica da Ciência e a Lógica da
Educação.....12

A Dimensão Oculta(?) do Garimpo
Bom Futuro.....15

A Astonomia e o ensino de 1º e 2º
Graus.....19

A Ocupação Agrícola de
Rondônia.....22

**Espaço do Estudante:*

A Palavra do Mundo (Notas sobre a
Obra de Chico Buarque).....25

**Resenha Bibliográfica:*

Dados para uma Definição de
Camponês..... 32

** Fique por Dentro!*

EDITORIAL

A "inteligência" brasileira ainda não levantou a cabeça. Em sentido estrito, não ousamos ainda pensar profunda e corajosamente a realidade. Ainda não criamos a força que parecemos ser capazes. E tudo é criação. A Ciência, a Filosofia, a Arte não descobrem nada: tudo é criação. E se tudo é criação, a singularidade conquistada é fundamental. A nossa história é de subserviência, de imitação, de arrogâncias vazias. A miséria da história fundamenta, mas não explica completamente a miséria da nossa "inteligência". Mesmo com e na miséria secular do nosso povo, restar-nos-ia a coragem de impor uma singularidade negativa que ousasse criar e recriar o mundo. Insatisfação que é absolutamente necessária à criação em qualquer nível. Nosso problema é exatamente a covardia em impor uma singularidade conquistada. Entregamo-nos rapidamente a "humilhação" da cultura: o "amontoado" de conhecimento nos apavora; a tola branquidão européia e estadunidense nos envergonha. Todo conhecimento é criação, expressão viva de uma viva singularidade. E somos todos "europeus no exílio" a nossa cultura é européia no grande sentido multicultural, racial, geográfico e histórico.

A realidade Amazônica nos cerca e castra. Assumimos uma inferioridade imposta e nos consideramos sub-intelectuais, sub-raça ou, no melhor dos casos, "vivemos de passagem". Porto Velho não é um lugar para criar. Por aqui passamos. Esse é o mesmo problema do Brasil: há quinhentos anos queremos enriquecer aqui e voltar para não sei onde. Para Portugal? Para onde? Para canto algum. Escondemos até de nós mesmos a covardia monstruosa que nos alimenta: não assumimos ou lutamos por singularidade alguma. Não criamos aqui em Porto Velho, em São Paulo, em Caruaru, em Porto Alegre ou Portugal. Somos todos covardes. Somos seres de terceira ordem, não por nossa economia, política, sociedade ou história. De terceira ordem por covardia. Covardia de criar até as últimas consequências a cultura e a realidade e, acima de tudo, a nossa singularidade.

Daí a nossa Universidade, e praticamente todas as Universidades do País, viverem momentos ridículos. A cultura de massas, a intelectualidade de segundo grau, os sabidos tomaram conta de tudo. Tudo é de terceira ordem. Criar, cria inimigos, forma inimizades. A Universidade tornou-se um "emprego", para os professores; um ganho a mais para os alunos que se "formam". Lutamos por cargos, por burocracia, por tolos poderes. Tudo ridículo! A criação é fundamental. Buscamos aqui avivar, recriar, acender a possibilidade real para se lutar contra os estabelecidos, contra a covardia de não assumirmos a singularidade, o medo em criar a cultura e superar a miséria dos lugares.

E nada nos resgata. Estamos empreendendo solitariamente a caminhada. Universidade é lugar de criação, de diálogo, de contestação de ideologias e saberes mortos. Ensinar é recriar a cultura e contestar esta cultura: não é transmitir: é incomodar. Todo legítimo saber incomoda, revira o mundo: é o *Demo* no meio do redemunho. Vivemos de cabeça para baixo. O ensino privilegia a memória, o oficial, o estabelecido, aquilo que não incomoda ninguém, aquilo que mantém o aluno passando *burramente* de semestre e o professor *sabidamente* escapando de criar o conhecimento e a crítica. Pensar é incomodar. Criar aperreia. Fere. Mas conhecimento que não fere não serve para nada. Universidade é o lugar da consciência ou não é nada.

Escolhemos a criação!

GESTÃO AMBIENTAL E AMÉRICA LATINA: Algumas Reflexões

DORISVALDER DIAS NUNES*

Resumo:

Composta por mais de 30 países, e com uma extensão de mais de 20 milhões de quilômetros quadrados a América Latina possui um mosaico de paisagens complexas e ao mesmo tempo singulares entre si. Refletindo diretamente na sociedade, esta crise econômica promove a proliferação da pobreza acompanhada do aumento de formas anômalas de comportamentos sociais, uma forte desigualdade de oportunidades para a população (desembocando na marginalidade), desempregos, rebaixamento dos salários (diminuição do poder de compra do trabalhador) e instabilidade nos sistemas de governos democráticos.

Palavras-Chave: Desigualdade, Trabalhador, Sociedade e Ambiente.

Abstract:

Composed for more than 30 countries, and with an extension of more than 20 million squared kilometers Latin America possesses a mosaic of landscapes complex and at the same time singular to each other. Contemplating directly in the society, this economical crisis promotes the proliferation of the accompanied poverty of the increase in anomalous ways of social behaviors, a strong inequality of opportunities for the population (ending in the delinquency), unemployments, lowering of the wages (decrease of the power of the worker's purchase) and instability in the democratic governments' systems.

Key-Words: Nequality, Worker, Society and Atmosphere.

Do ponto de vista da Gestão Ambiental, deparamo-nos hoje com uma complexidade imensurável de problemas existentes nos países ditos do "terceiro mundo", no que tange aos aspectos sócio-econômicos-ambientais. Partindo desta idéia, discutiremos um pouco algumas questões sobre meio ambiente e desenvolvimento na América Latina.

Composta por mais de 30 países, e com uma extensão de mais de 20 milhões de quilômetros quadrados a América Latina possui um mosaico de paisagens complexas e ao mesmo tempo singulares entre si.

Tão complexa e heterogênea é a sua população que em tempos pretéritos formou-se a partir da miscigenação entre índios, europeus (portugueses, espanhóis) e negros. É com base nas interrelações entre uma complexidade e outra que se pinta para a América Latina um quadro marcado pelo embate entre pobreza **versus** meio ambiente e disponibilidade de recursos naturais renováveis/não renováveis **versus** desenvolvimento econômico. Neste sentido LEAL (1989), apresenta três grandes questões que se configuram como os principais problemas ao desenvolvimento econômico Latino-americano a saber:

- A questão da dívida externa que, em 1986, permeava a casa dos 382 bilhões de dólares, com uma projeção para duplicar no ano 2000;

- Prolongado processo de estagnação, associado a uma queda do Produto Interno Bruto por habitante. Isto em se tratando da "média", uma vez que no Brasil, observou-se nos últimos anos, relativo crescimento econômico, marcado pela concentração de renda;

- Um crescimento inflacionário galopante.

Refletindo diretamente na sociedade, esta crise econômica promove a proliferação da pobreza acompanhada do aumento de formas anômalas de comportamentos sociais,

uma forte desigualdade de oportunidades para a população (desembocando na marginalidade), desempregos, rebaixamento dos salários (diminuição do poder de compra do trabalhador) e instabilidade nos sistemas de governos democráticos. Diante de tal situação verifica-se que a questão ambiental é colocada em segundo plano; mas é aí que está a questão. Será que podemos relegar ao meio ambiente uma preocupação secundária? Talvez não! Ora, na medida em que se cria populações marginalizadas, portanto, peças excludentes dentro da lógica de valorização do espaço, promove-se uma pressão sobre áreas destinadas à preservação e que muitas vezes são impróprias à ocupação humana.

Neste sentido, "...a pobreza significa, entre outras coisas, um importante processo de deteriorização do meio ambiente, utilizado como recurso final na resolução de problemas urgentes de subsistência. O meio ambiente é, assim, virtualmente saqueado em função das necessidades básicas dos mais carentes". (Leal, 1989). Esta situação não faz dos pobres os responsáveis pelas ações deletérias ao meio, mas sim, suas principais vítimas. E isto é muito claro, uma vez que eles(os pobres) são receptores em potencial dos rejeitos ocasionados pela degradação. Essa pequena análise nos faz pensar em: "Efeitos em Cadeia"; logo a discussão sobre gestão ambiental, desenvolvimento econômico e melhoria da qualidade de vida são, concomitantemente, prioridades da Gestão para a América-Latina e, em particular, para o Brasil.

Durante muito tempo e até hoje, a América Latina foi submetida a um vigoroso processo de exploração/exploração e que só serviu para impulsionar economias externas em detrimento do desenvolvimento latino-americano. Por isso, pensar a degradação ambiental na América Latina não significa pensar só no que ora

acontece, é importante mensurar os estragos feitos no passado, de tal forma que se possa fazer o cômputo da "...depreciação do Capital Natural, que inclui recursos não-renováveis (...) e recursos renováveis ..." (Brown,1990).

Feitas estas considerações, a retomada de uma discussão sobre os destinos do meio ambiente na América Latina, sempre pensando esse meio como base para um desenvolvimento sócio-econômico-ambiental, passa pelas seguintes ações:

- Recuperação do Meio Ambiente degradado, de maneira que se possa tratar das questões de irreversibilidade das áreas impactadas;

- Perspectivas futuras de ações impactantes, de forma a preveni-las e mensurá-las;

- Potencialização de recursos naturais não inseridos no processo produtivo, sem que isso implique numa sub-exploração de recursos ou em sua superexploração.

Pensar a Gestão Ambiental, seja na América Latina ou no Brasil, é pensar que "...o destino de uma região está essencialmente condicionado por suas ações sobre os Meios Naturais nos quais repousa..."(Leal,1989). E neste caso é urgente se adotar uma linha institucional para normatizar as ações no gerenciamento ambiental tanto no cuidado com os "bens naturais" ainda existentes, bem como no trato de questões concernentes à poluição.

BIBLIOGRAFIA:

BROWN, Lester (org). A Ilusão do Progresso. In: **Salve o Planeta! Qualidade de Vida - 1990**. Globo, São Paulo, 1990.

LEAL, José. A Gestão do Meio Ambiente na América Latina: Problemas e Possibilidades. In: **Cadernos FUNDAP**, Ano 09, nº 16-pags.07-14/jun., São Paulo, 1989.

MOPU/PNUD/AECI - **Desarrollo y Medio Ambiente en América Latina y el Caribe: una vision evolutiva**,

Ministério de Obras Públicas y Urbanismo, Madri, 1990.

***Prof. do Departamento de Geografia da UNIR**

Membro do Centro do Imaginário Social-CEI

Mestrando em Geografia Física/Universidade de São Paulo-USP.

CIÊNCIA E FILOSOFIA

ALBERTO LINS CALDAS*

Resumo:

A filosofia é essencialmente utópica. Sua racionalidade é inteira e vivida. A filosofia é improvável e imprevisível. Por isso ousa compreender e recriar o homem. Sem medo ao que vai destruir, consegue ver-se e ver o mundo ao mesmo tempo em que delineia os potenciais e as inconsistências. Daí também sua fragilidade: já não nos vemos. A função da ciência é industrial. Seu modo estreito de pensar é similar ao mundo da produção de objetos. Reificados, podemos somente manter e recriar esse mesmo mundo com sua lógica e necessidades. A ciência é um dos motores insaciáveis dessa criação planificada e em crise. Criação reificada e modo de pensar que cria somente novos objetos e novos conceitos somente para criar novos objetos.

Palavras-Chave: Racionalidade e Filosofia.

Abstract:

The philosophy is essentially utopian. Your rationality is whole and lived. The philosophy is unlikely and unexpected. Therefore he/she dares to understand and to create again the man. Without fear to the that will destroy, he/she gets to see her and to see the world at the same time in that delineates the potentials and the inconsistencies. Then also your fragility: no longer we see each other. The function of the science is industrial. Your narrow way of thinking is similar to the world of the production of objects. Reificados, can only maintain and to create again that same world with your logic and needs. The science is one of the insatiable motors of that planned out creation and in crisis. Creation reificada and way of thinking that only creates only new objects and new concepts to create new objects.

Key-Words: Rationality and Philosophy.

A criação filosófica é sempre negativa, sempre antipática. É inimiga daquilo que subtrai e, principalmente, não admira o campo que deve destruir. Sem medo ou respeito ao que pretende aniquilar, legamos um conhecimento fundamental de compreensão e enfrentamento.

A filosofia é essencialmente utópica. Sua racionalidade é inteira e vivida. A filosofia é improvável e imprevisível. Por isso ousa compreender e recriar o homem. Sem medo ao que vai destruir, consegue ver-se e ver o mundo ao mesmo tempo em que delineia os potenciais e as inconsistências. Daí também sua fragilidade: já não nos vemos. Sem a possibilidade real da revolta deixamos de nos ver no mundo e somente sistemas de idéias é que passam a ser verdadeiros ou falsos. Não as idéias em ação, mas as máscaras, os simulacros de pensamento. Objetificados podemos exclusivamente reverenciar: o capitalismo reúne num mesmo ato ontológico/gnosiológico o começo e o fim, o antes do homem e o depois do homem, o animal e o burguês, o animal e o assalariado-feliz ou, o que dá no mesmo, o operário-verme.

É a ciência que ordena e reordena as visões do mundo: já não podemos ousar saber ou ousar mudar: não existe mais razão além da ciência. A filosofia é o modo de desobjetificar que rasga o ser, instituindo a criação valorativa do mundo e de si mesma enquanto ação negativa num mundo positivo e covarde. Daí a inexistência de filosofia entre nós. Trans/formando-a em "História das Idéias", castramos a cultura. O poder de pensar-se e criar reduz-se a seguir o triste pensar científico. Sem a filosofia, que é ato negativo, tudo é espetáculo.

A função da ciência é industrial. Seu modo estreito de pensar é similar ao mundo da produção de objetos. Reificados, podemos somente manter e recriar esse mesmo mundo com sua

lógica e necessidades. A ciência é um dos motores insaciáveis dessa criação planificada e em crise. Criação reificada e modo de pensar que cria somente novos objetos e novos conceitos somente para criar novos objetos. Em síntese, a ciência cria os objetos, as futuras necessidades e o sistema, tanto "científico" quanto do senso comum, que explicam tudo. É a serpente que morde a cauda e começa a se devorar. Não tem ética e não poderia ter. Se tivesse não seria a lógica do sistema, aquela que vive para, mais dia menos dia, satisfazer necessidades e criar novas necessidades. A ciência é o mediador entre o consumo e as formas futuras de consumo. O espírito objetificado de um mundo venal, ou, o espírito venal de um mundo objetificado. Sua impotência valorativa e sua incapacidade de apreender o humano enquanto vivido, sua inescapável teia de contradições, a reduz a ser procriadora de objetos e negadora de sistemas de consumo e produção obsoletos. A ciência é insaciável. Mas esse é o "espírito" concreto do nosso mundo. A ciência jamais foi revolucionária. Ela luta somente para substituir o antigo (objeto) pelo novo (objeto). Daí seu ódio ao humano e suas múltiplas irracionalidades. A modernidade sempre foi "científica". O "estudo inocente" é somente a antevéspera do festim canibal.

Aquilo que imaginariamente pensamos ser função da ciência é, na verdade, a alma da filosofia. É ela que pode estudar o homem e criar as compreensões necessárias a cada parte do seu ser e das manifestações concretas desse ser. Sem medo da totalidade e do vivido, é o fundamento e a *práxis* das humanidades. Cada aspecto do homem se reorganiza e pode ser compreendido por inteiro. Ao mesmo tempo, sabendo que é o homem quem ordena ou recorta o caos e o transforma, em natureza e história, fundamenta a própria visão histórica das chamadas

"ciências naturais". Deixa para a ciência um papel somente "artesanal". No entanto, essa mesma artesanidade da ciência deve ser contestada e refundida.

Mas uma filosofia que ouse derrotar a ciência e todas as suas consequências, não pode enfaixar o racional com a lógica capenga da ciência, nem com a do objeto. A racionalidade dessa "nova" filosofia deve reordenar uma racionalidade inteira, onde o irracional, o sonho, o improvável, o antagônico, o impossível, o mágico, o inconsciente, possam refazer o humano castrado pela ditadura do objeto. Só a racionalidade compreendida dessa maneira (ser também o irracional e o inconsciente, em vez de, objetificando-o fora da consciência, estudá-lo), pode libertar-se de objetificações que impedem o entendimento do mundo e criam somente um sistema lógico que é reverenciado e que nada tem de humano.

Se nosso principal problema filosófico é superar a capacidade devoradora do capitalismo, que absorve heresias e revoluções, criando algo que roa por dentro o monstro que nos engoliu e no qual nos tornamos, então somente repondo o humano integral no centro da criação é que teremos condições para tentar responder a essa e a outras questões. A ciência é incapaz de superar a objetificação e ser suficiente para as "ciências humanas". Essa é uma das missões da filosofia: destruir as "ciências humanas" e refundamentar a História. Somente essa filosofia pode ainda ousar ser revolucionária. O humano sempre arranja uma saída mesmo quando a lama chega-lhe até por dentro dos sonhos.

Essa filosofia não deve somente incluir "irracionalidades", mas a ironia, o plágio, a paródia, o deboche, a alegoria e a metáfora, a poesia e o ataque frontal. Jamais uma filosofia bem comportada, neutra. Principalmente que possa assumir a política como elemento fundamental, como sentido da sua existência e luta. Sem intelectualismos

autofágicos. Que, em História, recrie uma historicidade plena, onde a perspectiva de classe, jamais do ponto de vista do capital (ciência), saiba ao mesmo tempo ser universal, lutando sempre pelo humano, sabendo também fugir da história. Em Geografia, possa superar a dicotomia entre a sociedade e a natureza, entendendo o processo dialético entre as duas e a prioridade da primeira, apesar de se pensar sempre o contrário. Que, em educação, crie indivíduos rebeldes, insatisfeitos, criativos e, sobretudo, corajosos diante do mundo. Jamais uma educação para o trabalho, mas uma educação contra o capital e contra o capitalismo.

Se estamos tão cheios de certezas objetivas e de um medo terrível de toda a estrutura de aço do conhecimento sobre nossas cabeças, sempre a ponto de nos esmagar, comecemos a rir. Tudo isso é criação do homem para servir a um de seus momentos. Mas esse momento, apesar de se sentir eternamente superior, minúscula o homem. Torna-o objeto idiota, infantil e medroso. É papel da filosofia repor no devido lugar esse "conhecimento científico do mundo" que é inferior e desumano, é uma coisinha diante do humano e da sua capacidade inimaginável de criar e superar. O capitalismo não é somente um modo de produção, mas um momento de vergonha do espírito. Já não é "economia", é falta de vergonha instituída. Tão entranhada que lutar contra ele tornou-se ingenuidade ou burrice. No entanto, ele é o "nazismo" invisível tomando conta de tudo. Com a satisfação ou com a miséria, o capitalismo venaliza. E não é a ciência que pode recriar a alma num corpo mecanizado, não é a ciência que com suas insuficiências orgulhosas pode se dar ao luxo de compreender e impor o humano.

*** Prof. Ms. do Departamento de História/UNIR**

MARCOS CORTES COSTA *

Resumo:

A variação das precipitações o grande diferenciador das estações climáticas de Rondônia. Praticamente não há primavera e outono definidos. Apesar da quantidade maior de precipitações em Rondônia, se comparado ao Centro-oeste, o clima (de Rondônia) se apresenta semelhante àquela área, com duas estações bem marcadas. O lençol freático e o nível dos rios apresentam uma notável variação entre o período chuvoso e o período seco. Esta variação provoca áreas de inundação em suas margens, e problemas na perfuração de poços para obtenção de água. Um poço perfurado no período chuvoso terá que ser aprofundado, e muito, no período seco. Os poços de Rondônia devem ser necessariamente muito profundos para acompanhar a variação do lençol freático. Tal variação traz problemas no estabelecimento de práticas agrícolas e culturas permanentes que tendem a sofrer falta d'água no período seco apresentando seca fisiológica e necessitando de irrigação para manutenção de níveis de produção elevados.

Palavras-Chave: Lençol Freático, Profundidade e Manutenção.

Abstract:

The variation of the precipitations the big differentiating of the climatic stations of Rondônia. Practically there are not spring and autumn defined. In spite of the larger amount of precipitations in Rondônia, if compared to the Center-west, the climate (of Rondônia) he/she comes similar the that area, with two stations well marked. The sheet freático and the level of the rivers present a notable variation between the rainy period and the dry period. This variation provokes flood areas in your margins, and problems in the perforation of wells for obtaining of water. A well perforated in the rainy period he/she will have to be deepened, and a lot, in the dry period. The wells of Rondônia should necessarily be very deep to accompany the variation of the sheet freático. Such variation brings problems in the establishment of agricultural practices and permanent cultures that tend to suffer lack of water in the dry period presenting physiologic drought and needing irrigation for maintenance of high production levels.

Key-Words: Sheet Freático, Depth and Maintenance.

Ao analisarmos o clima de Rondônia, alguns aspectos curiosos se destacam. Um deles diz respeito à questão das estações do ano. Devido à sua proximidade com o equador, Rondônia apresenta-se quente durante todo o ano, não apresentando variações térmicas que possam marcar as estações. As variações térmicas estão associadas à nebulosidade, ao movimento das massas de ar e às chuvas, o que torna difícil definir o tipo de estação que se apresenta em dado período do ano.

Rondônia apresentou duas fases de colonização: A primeira, mais antiga, foi durante a fase da borracha quando o Estado recebeu imigrantes, principalmente nordestinos. Por uma questão cultural, na linguagem popular, a palavra "inverno", passou a ser sinônimo de "chuvas" e o período chuvoso, que vai de novembro a março, passou a ser conhecido como inverno. Posteriormente na fase mais recente da colonização, o Estado passou a receber imigrantes oriundos do Sul do Brasil e para essas pessoas o inverno era o período seco do meio do ano. Isto gerou um pequeno "choque cultural" entre aqueles que se acostumaram a associar a estação chuvosa com o inverno, e os novos colonos que não associavam o inverno à chuvas e sim ao frio. De fato, as estações do ano são muito determinadas em áreas temperadas e subtropicais, que apresentam quatro estações claramente definidas. Como Rondônia apresenta temperaturas estáveis ao longo do ano, as chuvas são o único elemento capaz de provocar diferenças visíveis na determinação das estações do ano. Desta forma o Estado apresenta duas estações: uma seca no meio do ano; e outra chuvosa, de novembro a março.

Na medida em que o clima da região está sendo melhor conhecido, passa-se a notar que apesar de apresentar influências equatoriais com atuação da massa de ar equatorial na estação chuvosa, o clima é tipicamente

tropical com duas estações bem definidas: Seco no inverno e chuvas de verão. É desta forma que NIMER (1989), classifica o clima dessa área: "clima quente, tropical úmido com três meses secos" (vide mapa pag. 387, op. cit.). Portanto, por esta área estar situada no hemisfério sul, a forma correta de considerar as estações é: Verão chuvoso e inverno seco.

De fato, é a variação das precipitações o grande diferenciador das estações climáticas de Rondônia. Praticamente não há primavera e outono definidos. A despeito da quantidade maior de precipitações em Rondônia, se comparado ao Centro-oeste, o clima (de Rondônia) se apresenta semelhante àquela área, com duas estações bem marcadas.

Isto nos remete a um outro problema com consequências ambientais: A grande variação hídrica apresentada entre o período chuvoso e o período seco. Isto tem consequências no lençol freático e, por conseguinte, no estabelecimento de práticas agrícolas e na ocupação do solo.

O lençol freático e o nível dos rios apresentam uma notável variação entre o período chuvoso e o período seco. Esta variação provoca áreas de inundação em suas margens, e problemas na perfuração de poços para obtenção de água. Um poço perfurado no período chuvoso terá que ser aprofundado, e muito, no período seco. Os poços de Rondônia devem ser necessariamente muito profundos para acompanhar a variação do lençol freático. Tal variação traz problemas no estabelecimento de práticas agrícolas e culturas permanentes que tendem a sofrer falta d'água no período seco apresentando seca fisiológica e necessitando de irrigação para manutenção de níveis de produção elevados. Outra consequência é a ocupação do solo pois uma área aparentemente boa para ocupação humana no período seco vai se transformar num terreno alagado no

período das chuvas. Isto afeta, sobretudo, populações de baixa renda, a exemplo do bairro "Cai-N'agua", em Porto Velho. Esse bairro por estar situado em área sujeita a inundação provocada pela cheia do Rio Madeira, apresenta sérios problemas com ocupação no período seco e ficando alagada no período chuvoso. Por outro lado, uma área agrícola poderá apresentar-se como área de boa "aguada" no período chuvoso para se revelar como área muito seca no meio do ano. Muitos colonos que vieram para Rondônia comprar terra agrícola cometeram este tipo de engano, com isto alguns descobriram que sua área era muito seca no meio do ano, o que inviabilizava certas culturas permanentes, enquanto outros descobriram que compraram um "brejo", onde esperavam terreno seco.

Finalmente, o clima de Rondônia necessita ser melhor conhecido para se adequar às culturas e práticas agrícolas no Estado, pois a área não é boa para o cultivo de certos produtos que produzem bem em áreas do sul do País, mas que apresentam sérios problemas quando transplantados para Rondônia. Somente com o tempo é que o Estado poderá melhor determinar sua vocação agrícola para abastecer o mercado consumidor com produtos próprios de Rondônia. Poderá, assim, adequar melhor o homem ao clima da região.

*** Prof. do Departamento de Geografia/UNIR**

BIBLIOGRAFIA:

NIMER, Edmon. Climatologia do Brasil. 2ª edição, IBGE, R.J., 1989.

A LÓGICA DA CIÊNCIA E A LÓGICA DA EDUCAÇÃO

NILSON SANTOS *

Resumo:

A educação gerada no seio da Anistia apropriou-se do mesmo discurso do tecnicismo para poder destruí-lo, porém, ao substituí-lo travestiu-se dele, para ser mais competente que o tecnicismo. Boa parte das novas pedagogias quiseram mostrar-se mais "eficientes", incorporaram conceitos e procedimentos fundamentais como a relação dialógica em sala de aula apontou para o papel da ideologia dentro da escola, politizou professores e conteúdos: não foi suficiente. Os currículos sofreram alterações profundas, mas foi mantida a lógica da Ciência, a lógica da produção.

Palavras-Chave: Educação, Eficiente e Tecnicismo.

Abstract:

The education generated in the breast of the Amnesty he/she appropriated of the same speech of the tecnicismo to destroy him/it, however, when substituting him/it travestiu-if of him, to be more competent than the tecnicismo. Good part of the new pedagogies wanted to show more efficient ", they incorporated concepts and fundamental procedures as the relationship dialógica in class room it appeared inside for the paper of the ideology of the school, it politicized teachers and contents: it was not enough. The curricula suffered deep alterations, but the logic of the Science, the logic of the production was maintained.

Key-Words: Education, Efficient and Tecnicismo.

O final do Regime Militar deveria significar o fim de um modelo "tecnicista" e racionalizante do ensino, proporcionando uma ruptura na sua articulação com o sistema produtivo, uma redefinição na identificação dos conteúdos e na tipificação do padrão de comportamento do professor.

O que chamamos de pedagogias libertadoras, libertária, transformadoras, ou transformistas, acabaram, na maioria das vezes por sucumbir ao discurso e à razão da Ciência.

Educação para a qualidade ou educação voltada para a melhoria da qualidade de vida, muito embora procure rever conteúdos e métodos, quando o faz, não rompe a subserviência da lógica científica, que prescinde do humano. A razão científica nada mais é que um apêndice da Filosofia. Ela se apropria de uma forma de pensar, representando um modelo de investigação. Devendo respeitar parâmetros cognoscíveis à Ciência, ou seja, deve ficar circunscrita a um pequeno universo de habilidades. Se isto parecia representar, como queria a tradição cartesiana, um horizonte seguro, plausível, identificável, revela-se uma prisão à Razão, que se vê obrigada a tramitar dentro de um roteiro que, não admite a especulação, o erro, a intuição, o sonho, o desejo, que, portanto, não pactua com o humano.

A Ciência ao reconhecer como exclusividade os seus procedimentos, descarta a possibilidade de ampliar seu universo, impedindo ainda a possibilidade de criar além do que ela mesma prevê, como um imenso jogo de xadrez, cujas alternativas de jogadas são quase infinitas e não ultrapassam os limites do jogo. Ultrapassar significa descaracterizá-lo, e isto não pode ser reconhecido. Assim a Ciência não reconhece nada que aconteça fora de seus muros, não reconhece como humano, rotula logo de místico, especulativo. A própria Filosofia por não se submeter, é encarada como "imaterial" ou como suspeita.

A educação, portanto, ao se deixar seduzir pelo discurso da ciência, pensa a si mesma e a sociedade a partir da lógica da produção, das relações instituídas, joga o jogo institucional. Despoja-se do Humano, apoderando-se da Técnica.

A educação gerada no seio da Anistia apropriou-se do mesmo discurso do tecnicismo para poder destruí-lo, porém, ao substituí-lo travestiu-se dele, para ser mais competente que o tecnicismo. Boa parte das novas pedagogias quiseram mostrar-se mais "eficientes", incorporaram conceitos e procedimentos fundamentais como a relação dialógica em sala de aula apontou para o papel da ideologia dentro da escola, politizou professores e conteúdos: não foi suficiente.

Os currículos sofreram alterações profundas, mas foi mantida a lógica da Ciência, a lógica da produção.

Nas raras vezes a própria Filosofia deixou-se instrumentalizar, obrigou-se a responder os problemas mais imediatos do homem, ou desarmou-se de seu poder crítico, criativo, filosófico, o que a tornou história do pensamento pensado.

Na escola, apesar de alguns esforços isolados, ensina-se o experimento realizado, aprende-se que Thomas Edson foi o inventor da lâmpada, conhece-se seu protótipo vitorioso. Porém, como se produz o conhecimento continua sendo uma grande incógnita para a maioria dos alunos. Aos alunos compete aprender o pensamento pensado. Ou por vezes restringimos a grande produção cultural humana à assimilação de técnicas, de procedimentos científicos.

A educação na tentativa de consolidar cidadão críticos e criativos, torna-se mais criteriosa com a qualidade das informações que coloca à disposição dos alunos, esquecendo-se de algo que é fundamental. A escola e os meios de comunicação bombardeiam diariamente nossas mentes com muitas informações, porém ao estarmos desprovidos do Espírito Filosófico, armazenamos na

memória algumas delas, até incorporamos em nosso discurso, mas somos incapazes de submetê-la a uma análise mais profunda. Ficamos circunscritos ao limite da constatação, somos incapazes de emitir um juízo de valor filosoficamente consequente. Ficamos ao mesmo tempo estarecidos e inertes.

Surge um abismo entre o que pesamos ter captado, o que pressupomos estar pensando, e por consequência o que acreditamos ser necessário empreender.

Faz-se necessário, ao refletirmos sobre a educação, libertá-la do encanto e do reducionismo da razão científica, para recobrar-lhe o humano.

Nas nossas escolas, supomos que os alunos chegam preparados com o conjunto de habilidades cognitivas genéricas, previamente desenvolvidas, ou simplesmente negligenciamos que ao lado dos programas com conteúdos mais ou menos flexíveis, devemos concentrar nossos esforços no desenvolvimento de habilidades cognitivas específicas. Os alunos nem sempre estão preparados quando chegam à escola, ou seja, suas habilidades cognitivas genéricas não estão desenvolvidas; e os professores quase sempre não estão preparados para tal tarefa.

Assim, quanto mais cedo nossas crianças puderem desenvolver suas habilidades de raciocínio, mais aptas estarão para lidar com os conteúdos de sala de aula, e mais preparados para a vida em sociedade, já que manipularão modos de pensar o mundo que ultrapassam a lógica da Ciência.

***Prof. Ms. do Departamento de Educação/UNIR**
Membro do Centro do Imaginário Social-CEI

A DIMENSÃO OCULTA(?) DO GARIMPO BOM FUTURO

MARIA MADALENA FERREIRA *

Resumo:

A COOMIGA (Cooperativa de Garimpeiros de Ariquemes), estão construindo um colégio. Quando se trata da temática Bom Futuro, são muitos os assuntos a serem tratados. Poderia estar tecendo crítica sobre a educação, cuja escola funciona precariamente, numa sala de jantar do Hotel Maranata, graças ao interesse do Sr. Rodrigo e da professora que, em condições de penúria, ensina em média cinqüenta crianças, todas ao mesmo tempo, variando da primeira a quarta série primária num trabalho personalizado e com extrema dedicação e com material didático comprado de seu próprio bolso.

Palavras-Chave: Garimpo e Educação.

Abstract:

COOMIGA (Cooperative of Prospectors of Ariquemes), they are building a school. When it is the Good thematic Future, they are many the subjects they be her treated. He/she could be weaving critic about the education, whose school precariamente works, in a dining room of the Hotel Maranata, thanks to Mr. Rodrigo's interest and of the teacher that, in poverty conditions, he/she teaches cinqüenta children on average, all at the same time, varying of the first the fourth primary series in a personalized work and with extreme dedication and with bought didactic material of your own pocket.

Key-Words: Mine e Educação.

Quando se trata da temática Bom Futuro, são muitos os assuntos a serem tratados. Por exemplo a Lei: "olho por olho dente por dente", predominante dentro do garimpo. Poderia discorrer sobre um "movimento popular-consistente", cujo objetivo trata-se da emancipação da área, num primeiro momento como distrito e posteriormente como município. Movimento fortemente arraigado nas propostas das pessoas que moram ali desde 1987. Poderia falar da existência e importância da Rádio FM 99.9, cujos locutores através das programações populares substituem os Correios, quando passam recados, notícias de parentes que chegam, ou dos que se foram, de namorados apaixonados ou esposas em busca de maridos desaparecidos, de filhos e filhas que saíram para voltar logo e nunca mais deram notícias (geralmente menores). Alí quedam, em busca de seus familiares. Abordam sobre problemas cruciantes de saúde, do cólera, da AIDS, dando recados curtos e objetivos.

Poderia estar tecendo crítica sobre a educação, cuja escola funciona precariamente, numa sala de jantar do Hotel Maranata, graças ao interesse do Sr. Rodrigo e da professora que, em condições de penúria, ensina em média cinquenta crianças, todas ao mesmo tempo, variando da primeira a quarta série primária num trabalho personalizado e com extrema dedicação e com material didático comprado de seu próprio bolso. Juntamente com a COOMIGA (Cooperativa de Garimpeiros de Ariquemes), estão construindo um colégio. Um projeto antigo, visto que o anterior não recebera a devida atenção de Ariquemes onde alguns políticos (conforme o Sr. Rodrigo) fizeram questão de "melar" o projeto, colocando todos os empecilhos possíveis para impedir a construção do mesmo. Isto desde o ano passado.

Deveria estar falando da inexistência de uma assistência médica sistemática, das doenças tropicais que

graçam dentro da área; assunto muito discutido e ainda sem solução por parte das autoridades responsáveis pela assistência pública(?). Assim, como falar, da violência contra a mulher, contra a criança, dos estupros, dos assassinatos de prostitutas que não são noticiados. De uma maneira geral começando pelos "maridos" que se utilizam por algum tempo da "mulher compaheira", como mão-de-obra barata (lavadeira, passadeira, cosinheira, parideira e amante) e quando se vêem ricos desprezam-na sem nenhuma explicação e as ameaçam de morte quando estas reivindicam seus direitos de "companheiras abandonadas". Da pressão psicológica que fazem contra as mulheres empresárias que se aventuram nos empreendimentos comerciais e/ou extrativos.

Mas vou me restringir a um pequeno flash de uma entrevista feita em 24/04/93, com o Sr. Hilário Mezzomo e Dona Lourdes Milani, um casal brutalmente assassinado na semana passada, conforme notícias nos jornais locais (ESTADÃO/RO).

Quando estive em Bom Futuro entre 23 e 27 de abril de 1993 busquei através de entrevistas e das visitas a campo, observar aspectos paisagísticos quanto ao que mudou em relação às condições ambientais; e quanto às entrevistas, apreender no imaginário popular das pessoas de BF, o "o quê" e como eles pensam a "questão ambiental". O que representa este tema (Meio Ambiente) no seu cotidiano, no cotidiano do garimpo Bom Futuro.

Entrevistei requeiros (homens e mulheres), pequenos empresários, um líder do movimento pró-criação da Associação dos Requeiros, etc.

Aqui está um pouco do que pensava o Senhor Hilário Mezzomo. Antes, porém, quero tecer o meu ponto de vista a respeito da Senhora Milani, como a ví: apresentou-se como a típica

mulher companheira, dos caminhos e (des)caminhos do marido. Desde o começo das atividades em Bom Futuro, conforme seu testemunho, se fez presente, mesmo dividida entre os cuidados com os filhos em Vilhena e a retaguarda e afazeres da casa em BF. Foi funcionária do IPERON (Instituto de Previdência do Estado de Rondônia) naquela cidade enquanto ele (o marido) percorria as estradas brasileiras entre Bahia (com agricultura mecanizada) e em Rondônia também com agricultura, à época em Vilhena e a partir de 1987 em BF como empresário de Garimpo. Primeiramente transportando material da Serra de Bom Futuro para abastecimento das rampas ou jiques de outros empresários. Depois iniciou-se nos riscos, diretamente nas atividades extrativas quando "compra" terras da fundiaria C80 e C85 (fundiária entre o Teles e Mutum).

O Sr. Hilário falou das dificuldades encontradas a partir do momento que ocorre a grande poluição do Rio Candeias e da pressão de uma SEMARO (Secretaria de Meio Ambiente do Estado) enquanto instituição pública à época inoperante e em nada ajudava a organizar a área. Descreveu os problemas encontrados quanto a questão dos rejeitos jogados no leito do Candeias que só passam a ser resolvidos com a orientação e colaboração da EBESA quando executaram um desvio do Rio Candeias e implantam a Barragem Ambiental, colaboração que tem sido constante quando do elevar das cotas da barragem, sempre que necessário os cuidados quanto ao não jogar material pesado no leito do rio, sem a devida decantação.

Quando perguntado sobre as principais dificuldades encontradas até então para implantar estas mudanças, ele responde: "O principal problema é a falta de organização, porque o garimpo está recebendo uma classe muito pobre, abandonada pelo governo, que eles não tem para onde ir, é gente de fora sem

emprego, que encontram em BF a única chance de sobreviver, vem catar restos de metais nas rampas e na Serra, complicando mais um pouco o trabalho, quer dizer: não tem como organizar. Eles vêm muito carentes, sem condições de arrumar casa, nada, nada, nada..."

Sobre a questão de empregos ele responde: "aqui procuram todo dia de vinte a trinta pessoas na rampa. E como não conseguem emprego eles vão fazer um "reco". O sistema de picareta, lá na Serra. A máquina cava um pouco, eles entram embaixo da máquina e retiram o metal, em pedrinhas, na mão...Ele (requeiro) é um problema social do governo que tem que responder por isso. Não os empresários aqui que estão arcando com este problema. Porque causam outros problemas. Um vem encosta seu barraquinho do lado da gente, emenda um rabicho de luz... outro entra na área e faz o barraco dele... tudo vai levar a outro problema, o da devastação da floresta desnecessariamente porque ele não tem recurso, vem em busca de varas e palhas para fazer barracos, isto ocorre ao redor, aqui na C85...Controlar estas pessoas é a maior dificuldade, porque não respeitam as placas de "não entre e não tire madeira "etc... Não só esse problema, tem dificuldade com os que tem problemas na justiça. os que vem corridos para cá e se escondem por aí..."

Quando arguido sobre a "questão ambiental" dá a sua opinião dizendo:" O caminho é este que estamos fazendo com a EBESA, cuidando do Rio Santa Cruz para que não desça poluído... e continuar fazendo barragens, e elevar as cotas pra que não desça material pesado..." termina afirmando:"O problema aqui é o Governo, que não fiscaliza, não disciplina... tem minério saindo sem controle, não tem ninguém controlando quantas toneladas de minério sai para lá ou para cá..." (com gestos aponta para as linhas C75 e LC85).

"Os impostos é um problema do Governo... O Governo deve manter fiscalização aqui dentro, é necessário. O valor do que sai daqui diariamente compensa muito os governantes ordenar isso aqui... impostos é um problema que o Governo não quer resolver..."

Quanto à questão a qual buscava ele responde: "acho insignificante". Como agricultor que sabia lidar com recuperação do solo degradado, ele "acreditava ser possível a recuperação ali, mesmo com toda aquela intensidade e extensão... o desmatamento ao redor das áreas mineralizadas e mineradas não podia continuar sem necessidade; estas áreas devem ser preservadas... e que reflorestar não é difícil, inclusive... devia-se pensar em tirar dali a riqueza do subsolo... porém reconstituir um solo não é tão complicado, se é possível na agricultura poderia ser feito ali também. Bastava boa vontade política e governo sério, que ordenasse para moralizar as atividades, e que fiscalizasse..."

Falamos sobre a questão de sua saúde, onde ele informou que aos 46 (quarenta e seis) anos de idade, sofreu 42 (quarenta e duas) malárias, com comprovantes positivos. Quando da minha chegada observei muito animais (cabras, carneiros e aves) aos quais se referiu como sendo "uma forma de dividir com eles a possibilidade do anófeles lhe transmitir malária. Já que ao invés dele ser atacado, são os bichos lá fora ao redor da casa seriam primeiramente... já faz um ano e meio que não sofro mais malária, exatamente a partir do momento que começou a criação solta ao redor da residência... suas cobaias vivas ou laboratório experimental..."

Para encerrar faço aqui uma referência ao Título deixando as últimas palavras ditas pelo Sr. Hilário Mezzomo : "... O Garimpo de Bom Futuro é possível, basta querer que o seja..."

- **Profª. do Departamento de Geografia/UNIR, Mestranda em**

A ASTRONOMIA E O ENSINO DE 1º E 2º GRAUS

SANDRA KELLY DE ARAÚJO *

Resumo:

Astronomia ou Cosmologia no Brasil perdeu o caráter de disciplina e passou a constituir unidades ou subunidades nos programas curriculares de Geografia, física e Ciências. Assim, gradativamente o estudo do universo vem sendo excluído do cotidiano escolar no ensino de 1º e 2º graus. Quando partimos de uma prática pedagógica capaz de desvendar, desmistificar e explicar o meio que nos cerca e com o qual interagimos, o estudo do cosmo poderá representar uma excelente forma para alcançarmos esse objetivo.

Palavras-Chave: Programas Curriculares e Prática Pedagógica.

Abstract:

Astronomy or Cosmology in Brazil lost the discipline character and it started to constitute units or subunidades in the programs curriculares of Geography, physics and Sciences. Like this, gradativamente the study of the universe has been excluded of the daily school in the teaching of 1st and 2nd degrees. When we left of a pedagogic practice capable to unmask, desmistificar and to explain the middle that in the fence and with which interacted, the study of the cosmos can represent an excellent form for us to reach that I aim at.

Key-Words: Programs Curriculares and Pedagogic Practice.

A partir de reformas educacionais ocorridas nas primeiras décadas deste século o ensino de Astronomia ou Cosmologia no Brasil perdeu o caráter de disciplina e passou a constituir unidades ou subunidades nos programas curriculares de Geografia, física e Ciências. Assim, gradativamente o estudo do universo vem sendo excluído do cotidiano escolar no ensino de 1º e 2º graus. Mas, para que serve estudar estrelas, planetas satélites e outros corpos celestes?

Quando partimos de uma prática pedagógica capaz de desvendar, desmistificar e explicar o meio que nos cerca e com o qual interagimos, o estudo do cosmo poderá representar uma excelente forma para alcançarmos esse objetivo. Nesta perspectiva, abordaremos agora, algumas contribuições dadas pelo estudo do universo na compreensão dos processos biofísicos e sociais, desde os dias e noites à circulação geral da atmosfera; da fotossíntese à vida na Terra; milhões de corpos celestes espalhados pelo cosmo; galáxias agrupam estrelas, planetas e satélites; cometas traçam suas órbitas entre esses; meteoros varrem o Universo sem destino.

A origem desses corpos, suas trajetórias e sua dinâmica foram motivo de estudos durante toda a história da humanidade. Há milhares de anos os homens começaram a perceber que manifestações naturais tais como enchentes e secas estavam associadas a presença de certas constelações no céu. Assim, a partir de sua observação começam a se delinear os primeiros modelos objetivando explicar o universo e sua relação com a vida na Terra. As concepções iniciais sobre o Universo partiram do pressuposto que a Terra encontrava-se imóvel no centro da esfera celeste. O Sol, a Lua, planetas e demais corpos giravam ao seu redor. Desta época, temos o estabelecimento da duração de cada fase da Lua na determinação da semana (**do latim *septimana*, espaço de 07 dias**); do mês a partir do tempo aproximado entre a

passagem de duas luas novas (**lunação**) e do ano baseado na trajetória aparente das constelações zodiacais ao redor da Terra. Na verdade, 365 dias ou 12 meses é o tempo que a Terra leva para concluir seu percurso ao redor do sol (**movimento de translação**). Durante esse deslocamento é possível verificar a passagem por diferentes pontos do Universo através da observação de diversas constelações, tais como a de Touro, Leão, Escorpião e Orion.

No fim da idade média, com as grandes navegações e o aprimoramento das observações astronômicas pelo desenvolvimento de instrumentos ópticos, redefiniu-se o sistema geocêntrico. Devemos a Copérnico a formulação da teoria heliocêntrica, onde afirmava que a Terra girava em torno do Sol. Seu discípulo Giordano Bruno, acrescentava ao mestre: "**O Sol está no centro do sistema solar, mas o sol também deve ser uma estrela, como essa, deve existir outras milhares e milhões**".

Também nesta época os estudos de Galileu vieram confirmar as formulações de Copérnico e Giordano Bruno. Criador do telescópio, Galileu pode demonstrar manchas solares, satélites de Júpiter, anéis de Saturno e a forma esférica de corpos celestes. Através de suas pesquisas afirmou que a Terra gira sobre si mesma (movimento de rotação) e ao redor do Sol (movimento de translação). Tais idéias o levaram a Santa Inquisição, pois se opunham às concepções da Igreja Católica naquela época. Galileu escapou da morte na fogueira, mas foi condenado ao confinamento até o fim de sua vida, ocorrida em 1642. O mesmo não aconteceu com Giordano Bruno, preso pela Inquisição foi queimado vivo em 1600.

Ainda no Séc XVIII o austríaco Johanes Kepler descobre três importantes leis que descrevem o movimento dos planetas no sistema solar: 1º - Os planetas traçam trajetória elíptica ao redor do Sol, e o Sol não está

no centro da elipse, mas num de seus focos; 2º - Os planetas percorrem áreas iguais em tempos iguais. Como a órbita que executam ao redor do sol tem a forma de elipse, a velocidade do planeta é maior quando ele está mais próximo do sol (periélio) e menor quando está mais afastado do sol (afélio). 3º - O tamanho do raio dos planetas determina o tempo de duração de sua volta ao redor do sol.

Com Newton, também no século XVIII, desenvolve-se a Lei da Gravitação Universal: **"Matéria atrai matéria na ordem direta do produto das massas e não na ordem inversa do quadrado das distâncias que separa os corpos"**. Essa Lei, explica a força que o sol exerce sobre os planetas que compõem o sistema solar, as órbitas desses, dos satélites e dos cometas, a força gravitacional e o movimento das marés.

Pesquisadores como Copérnico, Giordano Bruno, Galileu, Kepler e Newton foram de fundamental importância para a compreensão do que hoje conhecemos sobre o Universo. Entretanto, vale ressaltar que suas idéias interagiam com teorias filosóficas que concebiam o homem como parte da natureza e com tal as relações humanas eram reguladas pelas mesmas leis que regiam os fenômenos naturais.

Infelizmente, apesar das notáveis conquistas tecnológicas que permitem viagens espaciais ou mesmo a investigação de núcleos atômicos, a Física, a Matemática ou mesmo a Geografia que para nossos alunos de 1º e 2º graus é aquela produzida há décadas ou mesmo, há séculos, na atualidade muitos dos paradigmas dessas ciências foram superados e despontam novas formulações ainda desconhecidas por muitos de nós.

No âmbito da manutenção da vida na Terra, a fonte básica de energia para os produtores de alimentos (os vegetais) vem do sol e a partir daí essa energia se transfere para outros níveis tróficos da cadeia alimentar. A dinâmica do clima é fundamentalmente explicada pela

capacidade de absorção da energia solar que a Terra possui, que por sua vez depende da composição atmosférica e de parâmetros orbitais tais como a inclinação do eixo terrestre em relação ao plano orbital da Terra. A inclinação do eixo terrestre explica a alternância das estações do ano entre os hemisférios, já que em determinados períodos do ano eles recebem maior ou menor radiação solar devido ao maior ou menor afastamento desses em relação ao sol.

É também a inclinação do eixo terrestre, conjugada com o movimento de translação, que explica a localização dos círculos polares e dos trópicos, a variação para nordeste/noroeste e sudeste/sudoeste do movimento aparente do sol ao redor da Terra (movimento de rotação).

Como podemos verificar, a astronomia nos auxilia a compreensão de inúmeros processos relacionados com a vida na Terra em toda sua dimensão natural-social e suas interações, portanto, como excluí-la do cotidiano escolar?

Talvez esteja na nossa formação acadêmica a resposta. Há anos a Astronomia foi banida dos currículos universitários (particularmente da Geografia). Está na hora de revermos tal procedimento, sob pena de continuarmos na descrição pura e simples de processos tão importantes em nossas vidas.

BIBLIOGRAFIA:

- CANIATO, Rodolpho. O que é astronomia. 7ª ed. R.J., Brasiliense, 1989.
- CAPRA, Fritjof. O tao da Física. Cultrix. São Paulo, 1989.
- RIBEIRO, Bertha G. & KENHIRI, Tolamã. Cuvas e Constelações. In: Ciência Hoje - Amazônia, dezembro de 1991, p. 14-23.

***Profª. do Departamento de Geografia/UNIR**
Mestranda em Educação Ambiental no Departamento de Geografia da UFMT

A OCUPAÇÃO AGRÍCOLA DE RONDÔNIA

WALDER NUNES *

Resumo:

A inadequação das lavouras convencionais ao desconhecido ambiente amazônico, aliada a um sistema de pesquisa que não tem conseguido oferecer soluções viáveis dos pontos de vista ecológico e econômico tem provocado agressões ao ambiente e um novo surto de concentração de terras acompanhado de novas migrações para fronteiras cada vez mais inviáveis. O saldo de todo esse processo desordenado e depredador de ocupação é a devastação de 20% da cobertura vegetal do nosso Estado num tempo recorde de duas décadas; o quase aniquilamento de diversas comunidades indígenas; e a formação de uma massa humana de alguns milhares de pessoas vivendo no limite da linha de miséria absoluta, e que carece de soluções duradouras para os seus males.

Palavras-Chave: Migrações e Comunidades Indígenas.

Abstract:

The inadequacy of the conventional farmings to the amazon, allied ambient stranger the a research system that has not been getting to offer viable solutions of the ecological and economical point of view has been provoking aggressions to the atmosphere and a new one I supply more and more of concentration of lands accompanied of new migrations for borders unviable. The balance of whole that disordered process and occupation depredador is the devastation of 20% of the vegetable covering of our State in one time he/she remembers of two decades; the almost several indigenous communities' annihilation; and the formation of a human mass of some thousands of people living in the limit of the line of absolute poverty, and that lacks of durable solutions for your evils.

Key-Words: Migrations and Indigenous Communities.

A situação fundiária do Centro-Sul do Brasil estava extremamente complicada nos anos 70, quando o processo de concentração de terras começou a mostrar seus efeitos danosos ao "bem-estar social" propalado durante os governos militares.

Para aliviar as tensões geradas, iniciou-se o processo de abertura de novas fronteiras agrícolas, vide a ocupação do Cerrado e do Estado de Rondônia, para destacar os dois casos mais conhecidos. Junto às causas de cunho social também devemos citar razões estratégicas que motivaram os militares a ocupar o que chamavam de "**um grande vazio demográfico**", num claro exemplo de desprezo às populações de índios e seringueiros que viviam na região; foi a política do "**Integrar para não Entregar**", cujo desdobramento atual é o Projeto Calha Norte.

Em Rondônia a ocupação deu-se em forma de grandes assentamentos ao longo da BR-364, coordenados pela Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, sob os auspícios do POLONOROESTE (recursos provenientes de empréstimos do Banco Mundial), onde os assentados tentaram, e ainda hoje continuam, a utilizar as mesmas culturas e técnicas agrícolas que dispunham em suas regiões de origem. Há que se notar que muitas dessas técnicas agrícolas são inadequadas mesmo no Centro-Sul do Brasil!

A inadequação das lavouras convencionais ao desconhecido ambiente amazônico, aliada a um sistema de pesquisa que não tem conseguido oferecer soluções viáveis dos pontos de vista ecológico e econômico tem provocado agressões ao ambiente e um novo surto de concentração de terras acompanhado de novas migrações para fronteiras cada vez mais inviáveis.

Mesmo em áreas de colonização mais antiga ainda há enormes dificuldades de transporte, saúde, educação e acesso ao mercado, sem os quais não se pode pensar em atividade rural adequada.

Esses requisitos são básicos para que se estabeleça uma população rural estável. Caso essas condições não ocorram, os pequenos agricultores continuarão a ser vetores inconscientes da destruição das matas, que mais tarde se transformarão em pastos sob o domínio do capital que irá adquiri-las a preços módicos. Pastos que, aliás, possuem uma vida útil muito curta sob o manejo convencional que se utiliza.

As atividades de extrativismo mineral aparentemente inspiram o modo de atuação das madeireiras, que promovem um verdadeiro "garimpo vegetal", sem a mínima preocupação de reposição das espécies exploradas. Essa é uma atividade que acompanha de perto a saga dos colonos, pois não conseguindo gerar renda suficiente com a lavoura da terra, os mesmos são quase que obrigados a se utilizar dos recursos florestais para complementar o orçamento para manter, ainda que modestamente, a família.

O saldo de todo esse processo desordenado e depredador de ocupação é a devastação de 20% da cobertura vegetal do nosso Estado num tempo recorde de duas décadas; o quase aniquilamento de diversas comunidades indígenas; e a formação de uma massa humana de alguns milhares de pessoas vivendo no limite da linha de miséria absoluta, e que carece de soluções duradouras para os seus males.

Soluções para esses graves problemas devem passar obrigatoriamente por um estudo mais profundo do ambiente amazônico, gerando conhecimentos básicos sobre os solos e seu manejo, recurso vegetais (frutas, madeiras, óleos, princípios ativos

de aplicações farmacêuticas...) e viabilização tecnológica desse conhecimentos de modo a garantir a exploração comercial rentável dessa gama de recursos por parte dos agricultores, sem que isso implique em danos profundos ao ambiente.

- **Agrônomo e Pesquisador do IPHAE/RO**

ESPAÇO DO ESTUDANTE

A PALAVRA DO MUNDO (Notas sobre a obra de Chico Buarque)

FABÍOLA LINS CALDAS *
RUBIANE XAVIER **

Resumo:

Utilizando arquétipos, como o das "mulheres de Atenas", a música popular brasileira chamou para si a condição humana como espelho e a situação daquele momento histórico como exemplarmente humano. E Chico Buarque é o melhor exemplo de como o mundo sócio-político expressa-se em poemas de grande força artística ao mesmo tempo onde a tradição e a modernidade unem-se apagando os limites históricos que possivelmente os tornaria de "protesto". Sua obra não é apenas um espelho de uma época, mas a alma da cultura brasileira tornando-se universal.

Palavras-Chave: Música Popular Brasileira, Mulher e Política.

Abstract:

Using archetypes, as the one of the "women from Athens", the Brazilian popular music called for itself the human condition as mirror and the situation of that historical moment as human exemplarmente. And Chico Buarque is the best example of as the partner-political world is expressed at the same time in poems of great artistic force where the tradition and the modernity join turning off the historical limits that possibly would turn them of "protest". Your work is not just a mirror of a time, but the soul of the Brazilian culture becoming universal.

Key-Words: Brazilian popular music, Woman and Politics.

A arte é uma das principais vias de acesso ao coração do mundo. Nela, tanto as aparências quanto os significados, se desdobram e recriam as mais profundas razões da sociedade. Através da síntese artística, produzida pelo conhecimento, os sentimentos e a intuição, consegue a arte amalgamar e conciliar o social e o individual, o singular e o universal, o fútil e o eterno, a aparência e a essência, a tradição e a revolta. Com a arte ficamos conhecendo os sentimentos de um povo, de um tempo, de uma cultura. Ela é um golpe de compreensão na realidade histórica. Uma brecha onde podemos vislumbrar a história viva dos homens, seus sofrimentos, anseios, sonhos e trabalhos.

A música popular brasileira é um campo fértil para o historiador compreender a vida e o cotidiano. Nesses últimos trinta anos a M.P.B conseguiu reunir um arsenal de alegorias poderosas para poder exprimir-se e exprimir o universo social. Se havia a censura e o poder, havia em contrapartida a resistência artística e esta resistência, além de ser uma forma de luta e conscientização, conseguiu plasmar em suas formas os grandes sentimentos nacionais, as preocupações, os medos e as esperanças. Cantam seus males para os espantar e assim construir uma das mais originais manifestações artísticas desta segunda metade do século. Cantou aquilo que ninguém ousava falar: a angústia de não poder. Este sofrimento, utilizando-se de alegorias, fazia de um amor realizado, uma metáfora política, de uma metáfora política um amor não realizado. Mas não apenas de um momento histórico. Universalizou-se pelas próprias razões do sofrimento. Aplica-se ao homem e não somente ao brasileiro destas últimas décadas.

Utilizando arquétipos, como o das "mulheres de Atenas", a música popular brasileira chamou para si a condição humana como espelho e a situação daquele momento histórico como

exemplarmente humano. E Chico Buarque é o melhor exemplo de como o mundo sócio-político expressa-se em poemas de grande força artística ao mesmo tempo onde a tradição e a modernidade unem-se apagando os limites históricos que possivelmente os tornaria de "protesto". Sua obra não é apenas um espelho de uma época, mas a alma da cultura brasileira tornando-se universal.

I - "A BANDA " (1966)

É um poema com linguagem simples, mesmo infantil, mas não se perde na ingenuidade. A "gente sofrida" aparece logo no início. A canção tocada pela banda faz a dor desaparecer. A magia da música sustem o sofrimento. O povo sonha, foge da realidade brutal e fatigante. Vive a música como uma realidade maravilhosa que afasta a realidade vivida. Mas depois que a banda passa, para desencanto do narrador, e de todo o povo, "o que era doce" acaba, e tudo volta a ser como antes, "em cada canto uma dor". A realidade sofrida não canta "coisas de amor". O sufoco social é um pano de fundo. Cria brechas no êxtase provocado pela banda e pela "BANDA" quando foi lançada no festival. A fome de música existe como tema e como realidade além da letra.

II - "RODA VIVA " (1968)

O poema refere-se ao indivíduo, mas fica claro que na dubiedade da palavra "gente", insere-se algo mais que o singular. O sentimento social de impotência, de subserviência da individualidade a poderes estranhos, de esmagamento da vontade, fica claro. "A gente quer ter voz ativa", mas a voz ativa não pertence mais ao homem ou ao povo, mas ao poder; "no nosso destino

mandar", mas é impossível porque o destino pessoal cedeu lugar a um destino mais forte e impessoal. A luta é esmagada porque "chega a roda viva e carrega" a esperança. Mas a resistência ainda tenta existir: "a gente vai contra a corrente/até não poder resistir", "mais eis que chega a roda viva". Inclusive a beleza e o sublime, representados pela rosa e pela roseira são carregados "pra lá". Que a "gente toma a iniciativa/viola na rua, a cantar" torna-se impotente quando "chega a roda viva".

III - "ACORDA AMOR" (1968)

A situação do perseguido político entra em cena. As aflições dos que lutavam tornasse um pesadelo. "Eu tive um pesadelo agora,/sonhei que tinha gente lá fora/batendo no portão/ que aflição/ era a dura/ numa muito escura viatura", a *dita-dura* aparece com seu lado policial. "Não é mais pesadelo nada". Deve-se avisar aos parentes que se "depois de um ano eu não vindo/ponha a roupa de domingo/e pode me esquecer". Em 1968 (ano desta música) aparece o preso e desaparecido político. Mas "se você corre, o bicho pega/se fica, não sei não". Não há saída. Mas o poema não esmorece e pede: "não reclame, clame". Sem adiantar: " não esqueça a escova o sabonete e o violão". O clamor e o poema de nada adiantam, a situação política é maior que qualquer individualidade. É melhor cuidar para que a estadia na prisão seja amena. "Acorda amor", mas ninguém acordava. A pátria estava, como talvez ainda esteja, narcotizada.

IV - "GENTE HUMILDE" (1970)

A tristeza e a impotência é o que se sente neste poema. E piedade: "sinto assim todo o meu peito se apertar". A sensação de querer "morrer" de melancolia porque quem tem um desejo de viver sem se notar reflete uma sociedade impessoal e autoritária onde o sentimento de comunidade há muito desapareceu. Olhando essa "gente que vai em frente sem nem ter com quem contar". O povo é desprotegido, animais que caminham sem saber porque sofrem. E o poeta, ou o povo, não tem "como lutar". As forças que os impulsionam são maiores que eles. "É gente humilde" e só resta uma "vontade de chorar". A impotência de toda uma geração e de um povo é perfeitamente expressa no sentido do indivíduo, que aqui alcança a condição de espelho da alma do momento histórico.

V - "CONSTRUÇÃO" (1971)

Um sentimento de frieza e decisão atravessa o poema. O homem se despede de tudo, mas como uma máquina. Parte "com seu passo tímido". É um fraco. Sobe a construção não como um homem que constroe, mas "como se fosse máquina". Já não cria as "paredes sólidas/num desenho mágico" com alegria ou gratificação. O tempo é o tempo do trabalho desumanizante. Suas razões não são apenas pessoais. Seu interior transborda e jorra, "embotados de cimento e lágrima ". Mas, um resto de orgulho inútil o faz comer "feijão com arroz como se fosse príncipe", mas logo depois bebe e soluça "Como se fosse um naufrago". Não há saída. Morre " feito um pacote" no "passeio público", e não toca a ninguém a sua morte, a morte de um homem. Ele morre feito um bicho, um objeto que se quebra, um pacote. Morre "atrapalhando o tráfego". Ele não era nem o primeiro nem o último homem da sua mulher, nem ela a única. Nem ele é sólido feito a construção. Sua alma é

um espelho onde vivem apenas "cimento e tráfego". Também não bebe e nem soluça como homem, mas como se fosse máquina, nem a sua morte é importante: espatifa-se no chão feito "um pacote tímido", "atrapalhando o público". E amava "como se fosse máquina" e beijava "como se fosse lógico" e morre "feito um pacote bêbado", "atrapalhando o sábado".

Neste poema, que podemos dividir em três partes intercambiáveis, o homem é destruído por uma sociedade que está não apenas dentro do poema mas por fora como criadora do homem e do desespero. Não uma sociedade personificada, mas algo que gera a agonia e o temor. Algo que o faz querer a morte e não saber criar mais com o coração, ou chorar como homem, ou amar igual a um homem. Sua vida é vazia e maquinal. Seus sentimentos estão embotados pelo cimento, os outros homens não se importam nem com sua vida e sua morte os atrapalha. Nada é sólido e seguro. Resta realmente a morte. Impossível lutar. Este poema é uma aula sobre o sentimento do homem diante das várias coisas que o oprimem, sem que ele possa fazer nada. Chorar diante de um prato de feijão com arroz pode parecer absurdo se nós não pensarmos na dor e na humilhação que passa diante dele ao abrir a marmita. A impotência que o dilacera e a indiferença do mundo diante dessa dor irremediável, numa sociedade que é apenas atrapalhada pela morte de um homem, mais um homem.

VI - "CÁLICE " (1973)

Uma obra de arte, ao mesmo tempo em que dialeticamente espelha seu momento histórico, coagula significados anteriores que tornarão possíveis uma compreensão racional e cria novos significados para os símbolos

antigos, principalmente quando seu objetivo escapa aos limites sociais e toca o sofrimento humano universal. "Como beber dessa bebida amarga ", nos pode tanto encaminhar para leitura de um drama pessoal, social ou humano. A ditadura, a vida asfíxiante, a censura num Brasil amordaçado e carente de palavras ou a natureza humana dilacerada pedindo um socorro inútil, "tragar a dor engolir a labuta", da maldição divina no gênesis dirigida a todos os homens até os sofrimentos de um compositor brasileiro em 1973. "Mesmo calada a boca resta o peito", resgata o coração humano para além das palavras, mas corta a via de expressão dos sentimentos. Prometeu novamente acorrentado divaga sem ter a quem gritar. Um povo está amordaçado, "silêncio na cidade não se escuta", no entanto esse silêncio é o rumor e não um grito de revolta e compreensão. Pede-se "outra realidade menos morta", mas é impossível porque há "tanta mentira, tanta força bruta". É terrível "acordar calado", mas na vida não há revolta, no dia claro só há mentira, e o poeta ou o povo que ele mira, só "na calada da noite" se dana. Ele quer lançar um grito, mas esse grito também já se tornou como a própria realidade, "desumano". Dizer "que é uma maneira de ser escutado" é partilhar do destino dos loucos, dos oprimidos, é ter cedido, sem querer, ao mundo que ele já não sabe como destruir. "Este silêncio todo me atordoia", não é o silêncio, mas ruído, o rumor de vozes incompreensíveis no burburinho da cidade. Ao mesmo tempo que sonha a revolta, o poeta participa do mesmo torpor e impotência do seu povo: é impossível fugir da história: ela está por dentro, antes de estar por fora. Há uma expectativa que é "ver emergir o monstro da lagoa", mas esta expectativa é antes de tudo impotência. O monstro esperado não pode ser em essência diferente do monstro que os rodeia e devora. O monstro é um só: a expectativa diante da lagoa. "Pai, afasta de mim esse cálice/de vinho tinto de sangue", o poeta quer

escapar da cruz (realidade, censura, repressão), mesmo sabendo que nem ele nem Jesus podem ou puderam escapar. É um grito inutilmente humano de sofrimento. Os dois, o poeta e o Cristo, sabem seu destino trágico: esperar que tudo se consuma. "De muito gorda a porca já não anda", devorando seus filhos e os esmagando sob os pés. A mãe pátria os imola. E seus instrumentos já estão enferrujados (de sangue?): "De muito usada a faca já não corta". E sua impotência é explícita, "como é difícil, pai, abrir a porta". Todos estão bêbados, "esse pileque homérico no mundo", e sem humanidade e abertura, "de que adianta ter boa vontade". A solução é irreal, "mesmo calado o peito resta a cuca": o mesmo peito que restava ainda na primeira estrofe aqui também já se dilacerou, mas a "cuca" não é revolucionária ou lúcida, mas "dos bêbados do centro da cidade". E esta "cuca" embriagada e narcisista dita a solução individualista: "quero inventar o meu próprio pecado/quero morrer do meu próprio veneno/quero perder de vez tua cabeça/minha cabeça perder teu juízo". A realidade induz ao poeta se perder de vez, "me embriagar até que alguém me esqueça".

Este poema ao mesmo tempo em que recria o medo e a opressão provocados pelo período ditatorial nos demonstra o quanto a impotência social preenche todo o tecido social e imaginário, não só o poeta sofre com o povo, mas também ele sofre do mesmo mal do povo. Cantar seus sofrimentos é cantar as dores da mãe terra e pertencer aos mesmos descaminhos. Impossível sonhar a fuga da história. Daí a arte ser um dos elementos fundamentais de compreensão da realidade social, porque é através dela que o inexpresso grita e fala, o que só está no peito e nos olhos toma forma humana e deixa sua marca. E pede socorro saindo do inanimado.

Este é um poema que retrata magistralmente o "possível" sentimento de uma mãe pobre sobre o seu filho. O nascimento é tratado como não esperado, ele "rebenta", e não era hora "dele rebentar". Há uma associação ao mundo vegetal (rebento); o nascimento não corresponde à vontade, mas a ciclos, a vontades estranhas. Rebenta "com cara de fome": retrato do povo brasileiro. E nem um nome possuía: nasce sem dignidade e sem personalidade. Desprotegido de uma mãe desprotegida: "como fui levando, não sei lhe explicar". Os dois, mãe e filho, aprendem ao mesmo tempo, "fui assim levando, ele a me levar". Mas a criança sente as distâncias sociais e diz "que chegava lá", com a concordância inocente da mãe e "ele chega".

Mas o guri só consegue seguir o caminho da marginalidade. "Traz sempre um presente", "tanta corrente de ouro", e até "uma bolsa já com tudo dentro", e nessa bolsa "uma penca de documentos/pra finalmente eu me identificar". A mãe até aquele momento não era ninguém: não tinha identidade, só através da identidade do outro é que ela conseguirá, imaginariamente, ser alguém.

O guri deixa de ser apenas um ladrão de coisas pequenas, "chega no morro com o carregamento/pulseira, cimento, relógio, pneu, gravador". E a mãe inocente tem medo que o filho seja roubado por algum marginal: "rezo até ele chegar cá no alto/essa onda de assalto tá um horror". Mas os dois são desprotegidos. O "marginal perigoso" é colocado no colo e consola a mãe, ela também desprotegida é ninada.

Mas "chega estampado, manchete, retrato/ com venda nos olhos, legenda e as iniciais.../ o guri no mato, acho que tá rindo/ acho que tá lindo de papo pro ar". O filho do povo não chega jamais a ser um "filho do homem", morre feito bicho. É uma ameaça. Não importa se foi a "sociedade" que o tornou um

predador. Esta mesma sociedade o destrói. O círculo vicioso das sociedades pobres revela-se com todo o seu horror. E aqui o poeta aceita a teoria da marginalidade como "criada" pela sociedade, pela desproteção. O poder que esmaga os homens e os transforma em mercadoria, não importando sua humanidade, mas somente sua força de trabalho. Fora deste esquema importante ao "sistema", o homem é um excluído, um marginal, uma vítima que para aquela parte da sociedade que possui, é somente uma ameaça. Mas para uma mãe o seu guri chegou lá. Chegou aos jornais. Foi um vitorioso. Morreu, mas foi notícia. E restou somente a dor, "olha aí, é o meu guri".

...

Encontrar numa obra de arte qualquer elemento separador (o social, o político, o economico, etc.) é profundamente difícil. Por natureza a obra carrega todos os sentidos e raízes. É uma síntese entre a individualidade e sua história, mais o mundo cultural anterior que a suporta. Todas as leituras são possíveis e todas verdadeiras. E todas se colam aos significados originais da obra. Um poema como "cálice" chama para si não apenas as razões históricas e sociais que a fizeram existir (censura, repressão, autoritarismo) mas reclama o desespero pessoal e coletivo de todos os tempos; vai além do momento e pede ajuda ao mito e à cultura.

O social é coagulado através de mil espelhos. Um dia, as razões do autor e os sentidos dos "leitores" do momento quando a obra foi realizada e "publicada", serão apenas um elemento erudito. As outras interpretações que o tempo criará, outros sentimentos e razões perante a obra, farão parte integrante da obra.

O "Bico calado, toma cuidado" de "Passaredo", não será somente um aviso numa sociedade ditatorial; o "Se ama e se tortura" de "Basta um dia", não é só um espelho de uma sociedade onde o

amor e a morte andavam juntas e o medo era o cotidiano.

O social é o horizonte inescapável. A obra provém dele através do indivíduo que o sente de uma determinada maneira e o codifica. Será sempre as raízes primeiras. No caso de Chico Buarque as décadas de 60, 70 e 80 nortearão qualquer pesquisa sobre a sua obra, que não é apenas "música popular", mas uma obra poética das mais significativas da literatura nacional. Não somente como música deve ser tratada, mas como literatura no seu sentido mais profundo. Nela a alma do povo canta, grita, vive, reclama, sofre, geme e se unifica. E assim vinga-se de um tempo que se fez calado e violento. Só para que a alma não cantasse. E a arte se vinga criando espírito. As suas "letras" dizem mais a respeito da época em que vivemos do que muitos livros sobre o assunto. Nelas vive o "clima" de uma época. É um perfil das figuras do marginal, do desvalido, pondo as claras a negatividade da sociedade. Uma galeria daqueles que foram mutilados: os infelizes, as meretrizes, os pivetes, os operários, os pedreiros, o malandro, o abandonado, o casanova, o capitalista e o apaixonado.

Mas não será só pela escolha dos personagens que Chico Buarque é um poeta voltado para o social. Há nas suas peças e na sua música uma intenção aberta e consciente de recolocar o povo no centro de sua criação. Ultrapassa a canção de protesto porque ela exerce uma função catártica, liberando emoções e forças que se resolvem apenas ao nível pessoal onde deveria acontecer no plano da ação social. Sua obra marca uma época e a recria através da palavra. Vai além da MPB. É um documento valioso da história brasileira e ao mesmo tempo um momento maior da arte nacional.

BIBLIOGRAFIA:

BOLLE, Adélia Bezerra de Menezes.
Chico Buarque de Holanda. Col.
Literatura Comentada, Ed. Abril, SP,
1980.

CARVALHO, Gilberto de. **Chico
Buarque: Análise Político-musical.**
Ed. Codecri, R.J.1984.

HOLANDA, Chico B. de. **Estorvo.** Ed.
Companhia das Letras, S.P., 1991.

-----**Fazenda Modelo.**
Ed.Civilização Brasileira, R.J.,1985.

-----**Ópera do Malandro.**
Livraria Cultural Editora, S.P., 1978.

-----**Song Book.** vol 1,2. Ed.
Companhia das Letras, SP, 1990.

MONTOIA, Paulo. Frangmentos de um
Triangulo Amoroso: Ligações da MPB
com a Literatura e História. in: **Revista
Leia**, Ano XII, nº 143, set. Ed. Joruês,
SP. 1990. pg 20/25.

----- Cantando a História. in:
Revista Leia, Ano XII, nº 143, Set, Ed.
Joruês, SP, 1990. pg 26/27.

SILVA, Anazildo V. da. **A Poética de
Chico Buarque.** Ed. Sophos, R.J.,
1974.

WERNECK, H. **Chico Buarque - Letra e
Música.** Ed. Companhia das Letras,
SP. 1990.

***Bacharelada em História/Unir e
Membro do Centro do Imaginário
Social-CEI**

****Licencianda do curso de
História/UFPE**

RESENHA BIBLIOGRÁFICA

DADOS PARA UMA DEFINIÇÃO DE CAMPONÊS

MARIA DAS GRAÇAS NASCIMENTO *

MOURA, M.M. *Camponeses*. SP. Ática. 1986.**

Neste trabalho a autora não fica restrita a uma definição de camponês, e sim trabalha a evolução desse camponês desde os tempos em que a caça e a coleta não era mais suficiente para a sua sobrevivência. É quando as sociedades se voltam para o cultivo da terra, e passam a ser chamadas de sociedades agrárias, onde havia uma população que trabalhava a terra para produzir alimentos e artesanatos para a sua sobrevivência e também para abastecer a cidade. Houve um tempo em que o camponês era a base indispensável da reprodução social.

Para MOURA, o camponês possui várias faces, "uma delas é definí-lo como cultivador de pequenas extensões de terra, às quais controla diretamente com sua família". (MOURA, 1986:12). Para alguns autores, ele é um Camponês Parcelar. A outra face é de um produtor que se opõe ao não produtor. Camponês para a autora tem um conceito de grande vitalidade, de grande força histórica e de conceitos políticos e culturais.

Apesar de algumas correntes já terem previstos o desaparecimento do campesinato, o campo prova o contrário. O camponês adaptou-se e foi adaptado, transformou-se e foi transformado, diferenciou-se inteiramente, permaneceu

identificável como tal (MOURA, 1986: 19).

Uma questão presente no campesinato, é a religiosidade do camponês. Os santos e a divindade é que dão sentido aos dias especiais; a festa do Padroeiro é tão importante que os camponeses param de trabalhar para festejar. Não importando se está ou não prevista no Calendário Oficial. Mesmo os feriados nacionais não têm tanta importância numa área rural.

A autora procura desvendar a lógica camponesa que está por trás de cada situação, seja ela cultural, política, econômica e também passando pelo seu imaginário. Ela nos mostra a luta e a transformação do camponês que ocorreu em diversos países. Um dos países que mais descaracterizou o camponês foi a Rússia. Com a coletivização forçada muitos camponeses foram enviados para as fábricas, onde o tempo passou a ser o tempo do relógio de ponto e o ritmo era o das máquinas, não mais o tempo do calendário, do trabalho e das festas, que para o camponês tem um significado profundo e lógico. Essa mudança ocorrida com os camponeses da Rússia é um exemplo completo do desrespeito ao modo de vida deste grupo social. O resultado desta ação nós já conhecemos.

Já as lutas camponesas no Brasil não tiveram a mesma repercussão que nos outros países abordados pela autora. Essas lutas foram ignoradas, e até hoje se tenta desmobilizar esses movimentos. Pouco se sabe sobre as revoltas camponesas que se deram no Brasil até o final da década de 60, como: a de Contestado, a de Canudos e de Formoso. Todas elas envolveram um número muito grande de camponeses. Apesar de toda a violência que se tem praticado com o camponês e o massacre que se tem feito em cima de seus líderes, não se destruiu a capacidade de mobilização política dos camponeses e assalariados rurais.

*** Mestranda Em Geografia Humana/Universidade de São Paulo-USP. Funcionária da UNIR. Membro do Centro do Imaginário Social-CEI.**

**** MOURA é professora Doutora em Antropologia pela FFLCH-USP, proferiu palestra no X Encontro de Geografia - UNIR/1992**

CARTA DO LEITOR

Carta do leitor, é um espaço reservado para comentários sobre as matérias publicadas neste Boletim.

FIQUE POR DENTRO

O Professor do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, **Dr. José Bueno Conti** informou à este Boletim que se realizou nos dias 22 e 23 de fevereiro de 1994, em Fortaleza/CE, o primeiro Simpósio sobre o Semi-Árido, evento promovido pela Universidade Estadual do Ceará. Trata-se do primeiro passo para a criação do **Instituto do Semi-Árido**, entidade de caráter acadêmico que pretende reunir informações, produzir conhecimentos e oferecer subsídios para o melhor equacionamento das questões relativas ao Polígono da Seca. O evento contou com a participação de técnicos e estudiosos do assunto, não só do Ceará como de outros Estados do País.

III CONGRESSO INTERNACIONAL MULTIDISCIPLINÁRIO SOBRE GEOGRAFIA DE LAS AMÉRICAS. MENDONZA. 19 A 24/09/94 - FACULTAD DE FILOSOFIA Y LETRAS. Realização do Departamento de Geografia da facultad de Filosofia y Letras. Universidad Nacional de Cuyo - Centro universitário. C.C 345
5500 - Mendoza - República Argentina.
Fone: 253010-234571-230915

ECO RIO 94
International Symposium on Resource and Environmental Monitoring
Data: 26 a 30/09/94 Local: Rio de Janeiro
Informação: (0123) 22-9816/41

FORUM GLOBAL 94- Cidades e Desenvolvimento Sustentável
Data: 24/06 a 03/07/94 Local: Manchester-Inglaterra
Informação: (4461) 234-3741

IV SIMPÓSIO DE GEOLOGIA DA AMAZÔNIA
Data: 28/06 a 03/07/94 Local: Belém-Pará
Informação: (091) 226-3716

46ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC
Data: 17 a 22/07/94 Local: Vitória-ES
Informação: SBPC

I CONGRESSO BRASILEIRO DE ANÁLISE AMBIENTAL
Data: 23 a 27/05/94
Local: UNESP/Rio Claro/SP

V CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS
Data: 17 a 22/07/94 Local: UFPR
Informação: AGB/PR

V ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA
Data: 31/07 a 05/08/95 Local: Havana/Cuba
Informação: Fax- 537-309828

ENCONTRO INTERNACIONAL: Lugar, Formação Sócio-Espacial, Mundo.
Data: 08 a 10/09/94 Local: Deptº/Geografia/USP

XII SEMANA DE GEOGRAFIA

Data: 13 a 17/06/94

Local: Universidade Federal de Rondônia

Informação: (069) 216-8500

XIV ENCONTRO ESTUDUAL DE GEOGRAFIA

Data: 11 a 14 de maio de 1994

Local: Santa Cruz do Sul - RS

BOLETIM

Publicação bimestral do Laboratório de Geografia Humana em conjunto com Centro do Imaginário Social da Universidade Federal de Rondônia.

Editor: Josué da Costa Silva

Equipe de Redação: Josué da Costa Silva; Maria das Graças Nascimento; Dorisvalder Dias Nunes;

Colaboração: Alberto Lins Caldas

Diagramação: Josué da Costa Silva

As matérias assinadas são de responsabilidade de seus autores.

As matérias devem ser entregues no máximo, até a terceira quinzena do bimestre da edição.

Tiragem: 300 exemplares

**End: Caixa Postal 1420
Porto Velho- Ro. 78.900-970**

Pede-se permuta